



Ponto de vista: educação física especial

A Educação Física para portadores de necessidades especiais, hoje, no estado do Rio de Janeiro, vem sendo desenvolvida a partir de iniciativas isoladas que, na maioria das vezes, não propicia a troca e divulgação das experiências profissionais realizadas. Tal fato, levou o Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física e Esportes a promover o I Simpósio de Educação Física onde teve como objetivos divulgar os trabalhos realizados no âmbito da Educação Física e Desportos para portadores de necessidades especiais e fomentar o interesse de profissionais e estudantes por esta área do conhecimento.

O simpósio foi estruturado, principalmente, a partir de dois enfoques: as atividades desenvolvidas no sistema educacional vigente e atividades de cunho desportivo realizadas por associações que estimulam a participação desta clientela em competições nacionais e internacionais.

Os enfoques nortearam mesas redondas, oficinas e relatos de experiências.

A primeira mesa redonda intitulada "A Educação Física para portadores de necessidades especiais no sistema educacional do Estado do Rio de Janeiro", foi composta por representações do corpo docente e de direção deste sistema educacional, bem como por mais um componente representando a universidade enquanto formadora de futuros profissionais atuantes desta área. Foi possível observar nas colocações dos conferencistas o distanciamento entre a prática pedagógica do ensino especial e a preparação dos futuros profissionais em Educação Física para atuarem nesta área. Isto acontece devido, principalmente: *ao não favorecimento do conhecimento da realidade da Educação Física Especial nas escolas; ao pouco aprofundamento do conhecimento da diversidade de deficiências físicas e mentais, que cada indivíduo*

Prof. Heloisa Alonso
Prof. Marcia Moreno

Professoras Ms. do Departamento de Ginástica e Pesquisadoras do Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física e Esportes da EEFD/UFRJ.

pode portar e de como lidar com elas; a não adequação das diferentes metodologias de ensino da Educação Física e dos Desportos para portadores de necessidades especiais; a inexistência de estágios específicos para atuação nesta área.

A segunda mesa que tratou das práticas esportivas no âmbito das competições apontou as seguintes questões: *a valorização dada à organização de competições de eventos paradesportivos; a seriedade e alto nível de organização por parte das associações que têm a competência de promover os eventos; o avanço no nível das performances dos atletas especiais brasileiros nas competições internacionais; a falta de profissionais capacitados para desenvolver o trabalho de base e treinamento dessa clientela; e ausência de espaços e materiais adequados que possibilitem a prática do desporto especial.*

Como fechamento tivemos uma mesa composta de atletas paraolímpicos, que relataram suas experiências e participações nas competições, suas histórias de vida e como o esporte entrou em cada uma delas.

As oficinas objetivaram a interação dos congressistas com a prática propriamente dita em natação para deficientes mentais, dança para deficientes auditivos

e futebol para paralisados cerebrais e amputados.

Na oficina de natação foram levantados os seguintes procedimentos à serem considerados para desenvolver o trabalho: *avaliação que compreende um levantamento prévio, a partir de dados oriundos dos responsáveis e de diagnóstico proveniente de um profissional da área médica, bem como uma observação da atitude do aluno no meio líquido acompanhado de um profissional da Educação Física; determinação do procedimento de ensino mais adequado para atender as necessidades do aluno (trabalho individual ou em grupo)*. Além de tais procedimentos, é indispensável para o trabalho com essa clientela que se atenha a normas especiais de segurança e salvamento.

As metas estabelecidas para o trabalho no meio líquido vão variar de acordo com as possibilidades físicas, emocionais e cognitivas dos alunos, partindo de atendimentos terapêuticos ao desenvolvimento da performance esportiva.

A oficina de dança mostrou como é possível desenvolver com o deficiente noções da relação do ritmo/movimento a partir do resíduo auditivo. A palestrante enfatizou a utilização da leitura labial e da sensibilidade auditiva ao invés da língua de sinais. Como proposta de trabalho são utilizados recursos variados como: *utilização de diferentes instrumentos musicais, ritmos e compassos e da dança propriamente dita com presença ou ausência de som*.

O futebol para paralisados cerebrais e amputados revelou a evolução desse esporte com esta clientela frente às suas limitações. *No caso dos amputados como estes jogam futebol com o auxílio*

de muletas, se utilizando apenas de um dos membros inferiores, ressaltando questões referentes às qualidades físicas e habilidades como a coordenação, equilíbrio, deslocamento, chute e outros. Já, no caso dos paralisados cerebrais, como eles superam as limitações motoras específicas desta deficiência na prática do esporte, fazendo com que o profissional de Educação Física crie variados recursos para o processo de ensino.

Concluímos que o simpósio abriu um espaço significativo para o conhecimento do trabalho com a pessoa portadora de deficiência no âmbito da Educação Física, e a partir de relatos de experiências foi possível observar algumas iniciativas de estudos e pesquisas na área, considerando as especificidades metodológicas para o trabalho no desporto especial.

As práticas profissionais apresentadas, tanto no espaço escolar quanto no desportivo, demonstraram ser iniciativas extremamente isoladas da produção de conhecimento da universidade, pois esta não vem contemplando a necessidade existente para a atuação profissional.

Os cursos de graduação em Educação Física, na sua maioria, tem uma grade curricular onde a presença das disciplinas relacionadas a área da Educação Física Especial é reduzida, apesar de que se tal fato não ocorresse, não haveria a garantia de maior aprofundamento deste referido conteúdo. Falta maior empenho e percepção de que o trabalho com pessoas portadoras de necessidades especiais vem sendo discutido com maior rigor científico, e que o ambiente acadêmico pouco tem contribuído para isto.

Ficou evidente a contribuição que a Educação Física e o Desporto Especial tem prestado à sociedade, no sentido de que vem buscando a inclusão de uma categoria que se encontrava à margem da estrutura social. Tal inclu-

são significa ganhos para ambas as partes: sociedade e portadores de deficiência, isto foi demonstrado a partir de um relato de experiência de um estudante de Educação Física da UFRJ portador de deficiência física. Foram levantadas as seguintes questões:

a) como perceber a possibilidade deste aluno ser um futuro profissional da Educação Física;

b) a dificuldade e a resistência dos docentes universitários com a presença de um aluno deficiente no curso de graduação;

c) como utilizar as metodologias e avaliações convencionalmente adotadas no processo de ensino, tendo alunos portadores de deficiência na turma;

d) aceitação, por parte do corpo discente, de um aluno "diferente".

A partir do momento que se busca responder às questões levantadas, apesar destas serem específicas da Educação Física, passa-se a perceber a contribuição que portadores de deficiência podem dar para os futuros profissionais. Através da revalorização de capacidades que os indivíduos possuem de inventar novos expedientes, de criar novas idéias, de se educarem e se reeducarem uns aos outros, de lidarem com o diferente e principalmente de fazerem uma história diferente da que vem sendo feita.

Assim sendo, o reconhecimento da dimensão da "necessidade", representada pelo outro, concretiza a "liberdade" de ação que possuímos (Konder, 1992), "liberdade" esta de uma prática pedagógica mais igualitária.

Referências Bibliográficas

- KONDER, L. (1992). *O futuro da filosofia da práxis*. São Paulo: Paz e terra.
- I Simpósio de Educação Física Especial (1998). *Relatos apresentados em mesas redondas e oficinas*. Rio de Janeiro, UFRJ.